



A Esperança por uma Nova Política¹

Natália Martins FLORES²

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS³

RESUMO

A reportagem impressa, por vezes, torna-se mais interessante e alcança perenidade quando se utiliza dos métodos do New Journalism, enunciados por Tom Wolfe. Neste trabalho, a autora usou características do jornalismo literário para contar sua experiência de acompanhar a eleição de Barack Obama, nos Estados Unidos da América. A repórter passou as duas semanas anteriores às eleições na Carolina do Norte (EUA) e, sob o ponto de vista pessoal, conta o que presenciou nesta viagem.

PALAVRAS-CHAVE: New Journalism; Jornalismo Literário; reportagem impressa; eleições dos Estados Unidos.

INTRODUÇÃO

O jornalismo literário é conhecido por ser uma modalidade de jornalismo que utiliza-se de recursos de ficção para relatar histórias de não-ficção, ou seja, jornalísticas. Estes recursos, apontados por Tom Wolfe, no livro *Radical Chique e o Novo Jornalismo*, como a descrição das personagens, o diálogo e a construção do texto cena-a-cena, foram aplicados na reportagem *A Esperança por uma Nova Política*, em que a repórter relata a sua viagem aos Estados Unidos para acompanhar as eleições de 2008, que trouxe a vitória a Barack Obama. A reportagem foi produzida na disciplina de Jornalismo Literário, no 6º semestre do curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo.

OBJETIVO

Os objetivos desta reportagem foram os mesmos que o jornalismo literário tenta alcançar, citados por Pena (2006):

potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper

¹ Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em jornalismo informativo - Reportagem avulsa.

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, email: nataliflores@gmail.com.

³ ARAUJO, Paulo Roberto. Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo, email: pauloroberto@terra.com.br.



as correntes burocráticas do lead (...) e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos.

JUSTIFICATIVA

No jornalismo praticado nas redações de jornais diários, vemos que o texto e os relatos cotidianos ficam muito presos à estrutura do lead. Esta, apesar de ser prática na hora de informar, vem perdendo leitores, interessados em algo mais criativo que, além de contar uma história, conte de um modo interessante. Assim, o jornalismo literário e seus recursos têm muito a acrescentar na construção do texto. E, apesar de ser algo factual, as eleições de 2008, que elegeram Barack Obama, precisam ser narradas de um modo que se tornem perenes e mereçam ser lidas repetidas vezes futuramente.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

As técnicas utilizadas foram as do Jornalismo Literário, citadas por Tom Wolfe: Construção do texto cena a cena, construção de diálogos, o ponto de vista da terceira pessoa e a descrição das características e dos hábitos dos personagens envolvidos na narrativa.

A construção do texto cena a cena se dá ao longo de toda a reportagem, principalmente por causa da fragmentação dela em dias. Seria como se o repórter mantesse um diário de viagem, enquanto ele estava observando as eleições.

A construção de diálogos entre os personagens acontece principalmente nas interpelações do repórter com pessoas que encontra pelo caminho, como é o caso da camareira mexicana e do dono da cafeteria brasileiro. No comício de Obama, o grupo de brasileiros também encontra cabos eleitorais e travam diálogos com eles, embora tenham sido curtos. Este recurso é usado, principalmente no discurso que Obama faz em seu comício. Neste trecho, o repórter utiliza-se da maioria das palavras que o candidato usou para trazer fidelidade e realidade ao texto e fazer com que o leitor realmente presencie aquele discurso.

Um trecho que também se utiliza da construção de diálogos é o último, em que o grupo encontra um sujeito na frente da Casa Branca. Abaixo, confira um trecho:

O grupo agora me cercava num semicírculo e balançava a cabeça para cima e para baixo, enquanto me ouviam falar:

- As instituições não podem ser as responsáveis pela mudança. Elas não têm o poder de mudar nada. Nós devemos nos unir e lutar. Devemos ser ativos socialmente.

Tinha cabelos brancos e compridos atados num rabo e barba. Do meu lado, ainda estava uma mochila preta onde carregava meus pertences e a minha tenda de plástico, que me abrigava naquelas noites de frio.

- Você segue alguma religião? - perguntou um dos meninos do grupo.
- Sim. A religião da humanidade. Cristo era dessa religião. Buda também.
Tatuado na minha testa em pequenas letras dentro do desenho de uma cruz havia uma mensagem que despertou a curiosidade do grupo, o meu nome: *Start Loving* (comece a amar).

O ponto de vista em terceira pessoa é um dos recursos do jornalismo literário que limita o jornalista, “uma vez que ele só pode levar o leitor para a cabeça de um personagem” (WOLFE). Mesmo assim, a repórter tentou ousar nesta reportagem e utilizou-se duas vezes deste recurso. Primeiramente, no encontro com o representante do Partido Democrata em Raleigh, Carolina do Norte:

Olhei para aquela turma de jovens postada na minha frente e me lembrei da minha juventude e das emoções que vivi naqueles dias, dias em que comecei a desvendar o mundo da política. Era começo dos anos 80 e a filosofia do caubói individualista que desbravava o faroeste em busca da sua riqueza, o ouro, estava no seu auge. E como eu odiava aquilo tudo! Por que as pessoas não podiam simplesmente ser solidárias e pensar no coletivo? Para mim, era só deste jeito que o país poderia seguir em frente. Era esse o papel do Estado.

Foi assim que me encantei com o partido democrata. Metido por entre as salas e corredores da sede do partido em Raleigh, com 15 anos eu já conhecia como funcionava as coisas lá dentro e os trâmites do partido na busca de mais eleitores. Mesmo sendo complicada, a política me fascinava. Por acaso, com 16 anos viajei para Washington e aproveitei a ocasião para visitar o nosso querido presidente dos Estados Unidos da América, na Casa Branca. Infelizmente, deu desencontro. O presidente não pôde me receber, porque estava com a agenda cheia e a secretária dele havia esquecido de avisar que eu estaria ali. Voltei de mãos vazias. Mas não desanimei. Quem sabe numa próxima vez, não é? Não importava se eu não tinha conseguido conhecer o presidente. Continuei fazendo campanha.

E agora, muitos anos após aquele desafortunado episódio, me via diante daqueles jovens cujos olhos brilhavam ao ouvir falar sobre política e mudanças sociais. Então comecei a lhes contar a minha história: de como o mundo da política realmente funcionava e de como ele havia me transformado.

No final do texto, a repórter também utiliza-se do ponto de vista em terceira pessoa, no seguinte trecho:

#6 de novembro. Vi um grupo de jovens se aproximar do meu posto assim que a tarde começava a cair. Bem em frente à Casa Branca, em Washington, a figura pouco usual sentada com um laptop no colo e com uma mochila preta ao lado causou uma pinta de curiosidade.

“*War must end,*” “*Do something for your planet*” (A guerra deve acabar. Faça alguma coisa pelo seu planeta), diziam as frases dos cartazes posicionados atrás do homem, que aparentava ter mais ou menos 48 anos, tinha pele clara e olhos de cor acinzentada.

Estava tudo errado. Essa idéia de querer que todos sejam classe média está matando o planeta. Estudos comprovam que isso é impossível, que o planeta não consegue sustentar isso.

Me senti enojado com pensamento da classe média, ambiente que ocupei durante quase toda uma vida. Quando isso aconteceu e me dei por conta que ignorava as verdadeiras causas do mundo, abdiquei de todas as minhas conquistas materiais. Aquelas conquistas traziam um vazio enorme, eu sabia que alguma coisa estava faltando.

Então, com um laptop no colo, sentado em frente a cartazes amarelos escritos com tinta preta, trago a minha mensagem e minha vivência para as pessoas

que passam por aqui, pela frente da Casa Branca. O meu protesto é a favor da humanidade e, junto comigo, estão alguns outros protestantes. Todos os dias, fazemos turnos em frente aos cartazes pintados à mão. Por que ali? – me perguntaram os jovens brasileiros que acabaram de me encontrar. Porque seria por ali que milhares de pessoas de vários países passariam todos os dias. Onde minhas idéias seriam ouvidas e se espalhariam pelo mundo. Até que todo mundo tivesse a consciência pesada – como a minha foi um dia – e resolvesse abrir mão de certas coisas a favor da humanidade. Que deixasse o egoísmo de lado e pensasse no bem do planeta, no nosso futuro. Que tomasse providências.

Estava frio naquela noite, mas isso já não incomodava o meu corpo, acostumado a dormir em acampamentos improvisados, a não ter mais casa para protegê-lo. Esquentava meus pés com meias brancas já encardidas embaixo das sandálias marrons de tiras largas. O grupo agora me cercava num semicírculo e balançava a cabeça para cima e para baixo, enquanto me ouviam falar:

- As instituições não podem ser as responsáveis pela mudança. Elas não têm o poder de mudar nada. Nós devemos nos unir e lutar. Devemos ser ativos socialmente.

Tinha cabelos brancos e compridos atados num rabo e barba. Do meu lado, ainda estava uma mochila preta onde carregava meus pertences e a minha tenda de plástico, que me abrigava naquelas noites de frio.

- Você segue alguma religião? - perguntou um dos meninos do grupo.

- Sim. A religião da humanidade. Cristo era dessa religião. Buda também.

Tatuado na minha testa em pequenas letras dentro do desenho de uma cruz havia uma mensagem que despertou a curiosidade do grupo, o meu nome: *Start Loving* (comece a amar).

Por fim, a descrição também foi um recurso amplamente utilizado. Assim, há descrições da paisagem outonal da Carolina do Norte (folhas avermelhadas, vento gelado), das roupas quentes usadas pelo grupo de brasileiros e das pessoas que o grupo encontrou durante essas duas semanas. No trecho abaixo, há um exemplo de descrição de ambiente (a cafeteria), do personagem e dos seus gestos:

A Cafeteria Reverie tem com dono o brasileiro Salah Abdala. Com meia dúzia de mesas e cadeiras, um balcão e prateleiras sustentando pDe pele marrom e cabelos grisalhos, Salah Abdala tem descendência libanesa, mas é brasileiro. Santa Maria deixou de ser sua casa há uns 13 anos, quando, motivado pelos negócios da família nos Estados Unidos, se mudou para Raleigh. Dá para contar nos dedos as vezes que voltou para Santa Maria para visitar os pais. Perdeu contato. Mesmo assim, do Brasil herdou o jeito de fazer cafezinho, grosso, com aroma forte, diferente dos cafés fracos norte-americanos.

- Um capuccino com café brasileiro, por favor.

Atrás do balcão, Salah assentiu com a cabeça. Pegou uma xícara e colocou grãos de café brasileiro, pó de chocolate, e leite em pó. Bateu os ingredientes, com um sorriso no rosto. Após alguns minutos, acrescentou a espuma do chantilly e me alcançou a xícara.

otes recheados de sementes de café da Colômbia, Arábia Saudita e do Brasil, o ambiente é embalado por uma bossa-nova, à meia-luz.



DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A Reportagem “A esperança por uma Nova Política” possui oito páginas, com fonte Times New Roman, 12. Como ela foi escrita com recursos do jornalismo literário e um dos objetivos deste tipo de escrita é aguçar a sensibilidade e a imaginação dos leitores, não se utilizou nenhuma foto ou desenho como ilustração. A reportagem não foi publicada em nenhum veículo, já que era trabalho para a disciplina de Jornalismo Literário.

CONSIDERAÇÕES

O exercício de fazer uma reportagem baseada nos princípios e técnicas do Novo Jornalismo, ou Jornalismo Literário serviu para ampliar os horizontes da autora de como se escrever uma boa reportagem, usando detalhes criativos, sem cair no “básico lead”. As técnicas deixam o texto rico, aprimoram a sensibilidade dos leitores e fazem com que a reportagem seja perene, que possa ser lida anos depois sem perder a notoriedade, ainda mais por ser um tema tão relevante historicamente: a eleição de Barack Obama, presidente dos Estados Unidos.

Foi uma oportunidade de exercer um tipo diferente do jornalismo que está sendo aplicado nas redações. As técnicas possivelmente vão ser usadas e aprimoradas em outras reportagens escritas pela autora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- WOLFE, T. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- PENA, F. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- LIMA, E. P. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas: UNICAMP, 1995.